

A Lista
DE Coisas
QUE Nunca
VÃO Mudar



Autora Bestseller Vencedora de uma Medalha Newbery

REBECCA STEAD



O som do milho

No fim de semana passado, o meu pai contou-me uma história que explicava uma ou outra coisa em relação ao seu casamento. Não o primeiro casamento, mas o segundo. Era uma história sobre ele e o meu tio Frank, de quando eram pequenos.

Eles cresceram no Minnesota, junto a um campo de milho onde, todos os verões, o milho crescia muito depressa. O meu pai diz que o milho não tinha outra escolha, porque os verões no Minnesota são curtos. Ou crescia depressa, ou mais valia nem se dar ao trabalho de o fazer.

Todos os anos, o meu pai e o tio Frank punham-se no meio do milho e ficavam a ouvi-lo crescer. Ninguém acreditava, mas eles conseguiam ouvir as folhas a vibrar e a estender-se na direção do sol. O meu pai disse que só eles conseguiam ouvir o milho crescer.

— Nunca me tinhas contado isso — disse eu. Gostava de os imaginar de pé no meio do milho.



— Não?

★ O meu pai estava a virar panquecas. Temos uma frigideira nova para as panquecas, que ocupa dois bicos de fogão, de maneira que agora pode fazer quatro de uma vez. É ótimo.

— Deram as mãos?

— Quem?

— Tu e o tio Frank. No campo de milho. Para não se perderem um do outro.

O meu pai rosou:

— Não. Alguma vez viste o tio Frank dar a mão a alguém?

Ninguém diria que são irmãos. O meu tio tem a pele branca avermelhada, e o meu pai tem tantas sardas castanhas, que parece estar bronzeado todo o ano. O meu pai é falador, e o tio Frank... não. O meu pai adora comer, todo o tipo de comida, enquanto o meu tio diz que passava bem só com um ovo cozido por dia.

Se queres saber por que razão o som do milho a crescer esclarece alguma coisa em relação ao segundo casamento do meu pai, terei de te contar uma história mais comprida, sobre as muitas coisas que aconteceram há dois anos, quando eu tinha 10 anos.

É uma história sobre mim, mas era um eu *diferente*, uma pessoa que já não existe.

Tanto quanto me lembro, só vi o meu tio Frank dar a mão a alguém uma vez.



A Angelica

No verão em que fiz 10 anos, a minha prima Angelica caiu da *mezzanine* da casa do lago da nossa família. O tio Frank diz que ela não bateu com a cabeça na salamandra por uns escassos dez centímetros.

Fez um som pouco simpático quando caiu no chão, *PUM*. Depois, não ouvimos mais nada. Nem choro, nem gritos. Nada.

Até que, finalmente, se ouviu a Angelica a tentar respirar.

O meu pai foi o primeiro a ir ter com ela. A minha tia Ess, a mãe da Angelica, gritou do quarto dela:

— O que foi isso? Dan? O que é que foi isso?

Ele respondeu:

— Foi a Angelica. Caiu, mas está bem. Ficou sem ar nos pulmões, mas acho que está bem.

Da *mezzanine*, vi a Angelica sentar-se, devagar. O meu pai estava a esfregar-lhe as costas em círculos. O tio Frank e a tia



★
Ess vieram do quarto deles a correr, e foi então que a Angelica começou a chorar, aos soluços.

Na manhã seguinte, o meu tio disse que ela podia ter morrido se tivesse batido com a cabeça na salamandra. Por essa altura, estava com um ar normal. Tinha vestido o seu biquíni azul-turquesa e estava a mastigar os ovos com os lábios muito fechados. Nem sequer tinha ficado com nódoas negras. O meu pai disse que ela tinha caído de costas e que era por isso que tinha ficado sem ar nos pulmões.

Nesse verão, os meus pais já estavam divorciados há dois anos, mas eu ainda me punha a recordar a altura em que a minha mãe ia connosco para a casa do lago. Ficava a imaginar o seu fato de banho vermelho pendurado no estendal. Lembrava-me em que lugar ela se sentava à mesa ao jantar. Lembrava-me dela sentada no pontão, a falar com a minha tia Ess.

Os meus pais falaram-me do divórcio numa «reunião de família». Eu tinha acabado de fazer 8 anos. Nunca tínhamos tido uma reunião de família. Sentei-me no sofá, entre eles os dois. Não pareciam contentes e, de repente, tive medo de que se passasse alguma coisa com o nosso gato, o *Red*. Achei que me iam dizer que ele estava a morrer. Nesse ano, tive um colega de turma que teve um gato que morreu. Mas não era isso.

O meu pai pôs o braço à minha volta e disse que íamos ter grandes mudanças. A minha mãe apertou-me a mão com

força. Depois, o meu pai disse que se iam divorciar. Que, em breve, havia de sair de nossa casa e mudar-se para outra.

Eu disse:

— Mas eu fico aqui, não fico?

Olhei para a minha mãe.

O meu pai disse que eu ia passar a ter *duas casas e dois quartos*, em vez de só um. Eu ia viver em dois sítios.

Tanto quanto sabia, só havia uma pessoa na minha turma cujos pais se tinham divorciado: a Carolyn Shattuck. A Carolyn tinha uma camisola azul-marinho que tinha um bolso grande à frente. Até àquela reunião de família, eu queria ter uma igual.

— Então e o *Red*? — disse eu.

A minha mãe disse que o *Red* ia ficar com ela.

— *Connosco*: comigo e contigo.

Comigo e contigo. Aquilo deu-me uma sensação terrível. Porque, até ali, nunca tinha pensado em mim e na minha mãe sem o meu pai.

O meu pai disse:

— As coisas estão a mudar, Bea. Mas ainda há muitas coisas com que podes contar. Está bem? Coisas que *nunca* vão mudar.

Foi então que me deram o caderno verde de argolas e a caneta verde. (Verde é a minha cor preferida.) No caderno, tinham feito uma lista. A lista chamava-se Coisas Que Nunca Vão Mudar.



Comecei a ler:

1. A mãe gosta de ti mais do que tudo, sempre.
2. O pai gosta de ti mais do que tudo, sempre.

Saltei para o final da lista, tirei a tampa da caneta verde e escrevi:

7. O Red vai ficar comigo e com a mãe.

— Também quero que o arco-íris fique aqui. Por cima da minha cama — disse eu.

Era um arco-íris que o meu pai tinha pintado na parede quando eu era muito pequena.

— Claro que sim, querida. O teu arco-íris vai ficar exatamente onde está — disse a minha mãe.

Também escrevi isso na lista. No ponto oito.

O meu pai foi morar para outra casa ao fim de um mês.

Eu ando entre eles os dois, para cá e para lá.

É assim:

SEGUNDA-FEIRA é dia de PAI.

TERÇA-FEIRA é dia de MÃE.

QUARTA-FEIRA é dia de PAI.

QUINTA-FEIRA é dia de MÃE.

SEXTA-FEIRA faz parte do FIM DE SEMANA.

O FIM DE SEMANA é SEXTA e SÁBADO.

O FIM DE SEMANA é alternado.

O DOMINGO é DOMINGO.

O DOMINGO é um DIA PRÓPRIO.

O DOMINGO é alternado.

Antes de o meu pai sair de casa, pensava no fim de semana como sendo sábado e domingo. Mas agora, penso no fim de semana como sendo sexta e sábado. E penso no domingo como sendo DOMINGO.

Logo a seguir à reunião de família, encontrei o *Red* a dormir no cesto da roupa e levei-o para o meu quarto, onde abri o meu novo caderno. Olhei para a Lista de Coisas Que Nunca Vão Mudar.

Os meus pais tinham escrito:

1. A mãe gosta de ti mais do que tudo, sempre.
2. O pai gosta de ti mais do que tudo, sempre.
3. Os pais gostam um do outro, mas de outra forma.
4. Vais ter sempre uma casa com qualquer um de nós.
5. As nossas casas nunca vão ser longe uma da outra.
6. Ainda somos uma família, mas de outra forma.

Depois disso, passei a andar com o caderno verde para todo o lado. Fazia muitas perguntas. E escrevia com a caneta verde.



* * *

★ No primeiro verão que passámos na casa do lago sem a minha mãe, havia coisas por toda a parte que me faziam lembrar-me dela, como as suas peças azuis de um jogo de tabuleiro e a taça lascada amarela, que usava para as saladas de tomate. As coisas que me faziam lembrar a minha mãe estavam por todo o lado, mas só eu as via.

Nesse verão, o meu pai explicou a toda a gente que ali estava (o tio Frank e a tia Ess e os meus primos, o James, a Angelica e a Jojo) que era gay. Eu já sabia. Os meus pais tinham-me contado na única reunião de família que alguma vez houve, quando me deram o caderno.

— Agora vais ser gay para sempre? — perguntei ao meu pai na reunião.

Sim, disse ele. Ia sempre sentir-se atraído por certos homens, da mesma forma que alguns homens se sentem atraídos por certas mulheres. Era o que ele sentia desde que era pequeno. Tirei a tampa da minha caneta e não perdi tempo algum a escrever isso na Lista de Coisas Que Nunca Vão Mudar. É o número nove: *O pai é gay.*

Depois de o meu pai explicar a todos os presentes que era gay, perguntou se alguém tinha alguma pergunta a fazer. Ninguém tinha perguntas a fazer. Depois, o meu pai e o meu tio foram andar até ao pontão e sentaram-se com os pés na água. Fiquei a ver do alpendre, sentada na borda da cadeira preferida do

meu tio. Ao fim de um bocado, levantaram-se e saltaram para o lago. Estavam a atirar água um ao outro e a rir como crianças pequenas. Lembro-me de ficar surpreendida, porque o tio Frank nunca nada. Diz sempre que a água do lago é muito fria. Normalmente, ele limita-se a ficar sentado ao sol no alpendre, na sua cadeira preferida.

— Então, agora vives com a tua mãe? — perguntou-me o meu primo James nessa noite, na *mezzanine*.

O James é quatro anos mais velho do que eu. Nesse primeiro verão sem a minha mãe, eu tinha 8 anos, por isso, ele tinha 12.

Expliquei-lhe o esquema dos dias da semana. Quando acabei, ele veio para as nossas camas e a Angelica ficou algum tempo a fazer-me festas ao de leve no braço. (Normalmente, era eu que lhe fazia festas a ela, e depois ela dizia que estava demasiado cansada para fazer no meu.)

Foi por essa altura que o James começou a chamar-me «Pingue-Pongue».

Ele tinha nomes muito estranhos para as irmãs dele: chamava à Angelica «GB», de «Gaveta de Baixo», porque uma vez ela tinha troçado numa gaveta aberta do armário para tirar alguma coisa de uma prateleira e, ao cair, tinha cortado o lábio. E à Jojo chamava «Alta Voz», porque, quando ela era pequena, chorava sempre que ouvia a voz do meu tio Frank e não o via em lado nenhum. Os nomes eram mauzinhos, mas a verdade é que há muito que eu queria uma alcunha dada pelo James.



★ Não me lembrava de ter feito nada que tivesse a ver com pingue-pongue que levasse o James a gozar comigo, mas não quis saber. Até *gostava* do nome Pingue-Pongue, até ao momento em que a minha tia Ess o ouviu no pontão e o mandou acompanhá-la ao alpendre, para poderem «ter uma conversinha».

— Tia Ess, eu não me importo! — gritei, enquanto eles se afastavam.

Mas ela ignorou-me.

— Quer dizer que *gostas* de ser uma bola de pingue-pongue? — disse a Angelica.

A Angelica é um ano e meio mais velha do que eu. Estávamos a tentar ensinar a Jojo, apesar de ela só ter 5 anos, a jogar voleibol na pequena praia onde tínhamos os barcos, puxados para cima até junto do nosso pontão. A Angelica estava a bater com os dedos na bola de voleibol, que estava suja. Tinha-a presa entre a anca e o cotovelo.

— O quê?

Senti os meus olhos estreitarem-se. Eu odiava quando demorava a perceber uma coisa.

— Andas de um lado para o outro, não é? De casa da tua mãe para a casa do teu pai. Como uma bola de pingue-pongue. Sorriu.

Eu estava três degraus acima dela. Primeiro, puxei-lhe o rabo de cavalo e, depois, bati na bola que ela tinha apoiada na anca, e a bola foi cair na terra.

— *Bea!* — gritou a tia Ess do alpendre.

Acho que ela tinha estado a gritar com o James e a olhar para nós ao mesmo tempo.

A Angelica ficou onde estava, a sorrir.

Atirei-me à água e fiquei a boiar de costas com os ouvidos submersos de maneira a não conseguir ouvir. A Angelica ficou à espera de que eu saísse, porque éramos companheiras de nado. O James não voltou a chamar-me Pingue-Pongue. Nem qualquer outra coisa.

Quando os meus pais estavam juntos, passar duas semanas com os meus primos no lago nunca me parecia suficiente. Depois do divórcio, passou a parecer-me que uma semana bastava.

As duas semanas pareceram-me demasiado compridas no verão em que eu tinha 8 anos, quando a minha prima Jojo já era suficientemente crescida para ficar acordada a jogar jogos de tabuleiro connosco a seguir ao jantar. O verde também é a cor preferida dela, por isso deixei-a ficar com as minhas peças e fiquei com as azuis, da minha mãe.

Pareceram-me demasiado compridas no verão em que eu tinha 9 anos. Foi nesse verão que a taça amarela lascada se partiu. Não sei como aconteceu; só vi os pedaços no lixo.

Mas, principalmente, pareceram-me demasiado compridas no verão em que eu tinha 10 anos. No verão em que a Angelica caiu. Quando essas duas semanas chegaram finalmente ao fim, fui para dentro do carro mesmo antes de o *Rocco*, o nosso cão, se ir enroscar lá dentro. E o *Rocco* adora o carro.





Novidades

Gosto de dançar. Não de «dançar» no sentido que inclui os espelhos e maiôs, mas de dançar em segredo no meu quarto, de auscultadores nos ouvidos. Não sei como será visto de fora, mas sei a sensação que me dá. A sensação é de que sei exatamente o que fazer. Sei quando me virar ou dar um passo para o lado, quando abrandar ou quando passar para um modo mais desenfreado. Esteja em casa da minha mãe ou em casa do meu pai. Fico de olhos fechados e estou exatamente onde tenho de estar.

Mas, quando estou a dançar, prefiro estar em casa do meu pai, porque a minha mãe não acredita em fechaduras nas portas. E arranja sempre forma de me abrir a porta do quarto como se estivesse a tentar apanhar-me a fazer alguma coisa em flagrante.

— Bea, estás com febre. Devias estar a *descansar*.

Foi no início do 5.º ano, quando eu tinha 10 anos. Pouco depois de o Jesse ter ido morar comigo e com o meu pai.

— Mãe! — disse eu, ofegante da dança.

— O que foi?

— Um pouco de privacidade?

A minha mãe fez logo uma careta. É mesmo o que ela acha da privacidade.

— O pai acabou de ligar — disse ela. — A Sheila vem a caminho.

Por estranho que pareça, tudo isto faz parte da história sobre o som o milho a crescer.

Eu tinha ficado em casa doente, por isso a minha babysitter, a Sheila, ia buscar-me a casa da minha mãe, e não à escola. A Sheila ia buscar-me nos «dias de pai», às segundas e quartas-feiras e sexta-feira sim, sexta-feira não. Também limpava a casa do meu pai. E passeava o nosso cão, o *Rocco*.

Às terças e quintas, e sexta-feira sim, sexta-feira não, a minha mãe ia buscar-me à escola. É a minha mãe quem limpa a nossa casa, porque não acredita em pagar a alguém para limpar o que sujamos. Ou o que o nosso cão suja.

O meu pai não acredita em que crianças de 10 anos vejam filmes para maiores de 13 anos, e a minha mãe não acredita em cereais com mais de três gramas de açúcar por dose. O meu pai não acredita em palavrões, e a minha mãe não acredita em ir à escola com 37 graus de febre.



★ O meu pai acha que, abaixo de 37,7, não há problema.

A minha mãe não acredita em desperdiçar dinheiro, mas o meu pai diz que não faz mal esbanjar um pouco de vez em quando. A minha mãe resmungou quando ele me comprou uma cadeira de escritório roxa e acolchoada para o meu quarto em casa dele. Fui ver na Internet e descobri que tinha custado quase 200 dólares e, depois disso, senti-me um pouco estranha.

O meu pai acredita que eu devo receber uma mesada por fazer as tarefas da casa. A minha mãe acredita em mesadas livres e acha que as tarefas da casa são para ser feitas a troco de nada. Mas o meu pai dá-me um dólar a mais do que a minha mãe. Parece confuso? Bem-vindos à minha vida.

Às vezes, quando estou a dançar em casa do meu pai, com a porta bem fechada, atiro-me para a cadeira roxa acolchoada e fico só a girar. Tudo se transforma numa mancha confusa e os meus pés batem no chão, fazendo-me andar à roda, à roda, à roda.

Em casa da minha mãe, giro com os pés, de braços esticados.

Tocaram à campainha e ouvi a minha mãe dizer à Sheila para entrar. A minha temperatura não passava dos 37,4 graus. Mesmo depois de dançar muito, não consegui que subisse ao ponto de o meu pai considerar que tinha febre, por isso sabia que no dia seguinte ia ter de ir à escola. Quinta-feira. Dia de teste de ortografia. Procurei a minha lista de palavras na secretária.

Peguei na mochila e comecei a atirar coisas lá para dentro: a lista de palavras, o livro de exercícios de matemática,

o horário, a pasta do pequeno-almoço colonial (com uma receita de manteiga) e o único travessão que tinha que me prendia mesmo o cabelo. A maioria deles cai num instante.

A Sheila bateu à porta do meu quarto e eu gritei «Anda!», que é o que o Capitão Picard está sempre a dizer no Star Trek: A Nova Geração. Eu e a Sheila costumávamos ver essa série juntas em casa do meu pai. (Chegámos mesmo a ver as sete temporadas. Foi uma grande dose de Star Trek.)

É impossível alguém não gostar da Sheila. Tem óculos cor-de-rosa e muito cabelo e usa muitas pulseiras. E botas de cowboy, mesmo no verão.

— Estás doente? — disse a Sheila.

— Doente à maneira da minha mãe.

Acenou com a cabeça. Ela entendia, apesar de os pais dela nunca se terem divorciado. Ficaram juntos até morrerem.

— Tens a pomada? — perguntou a Sheila.

— Sim.

Dei uma palmada na mochila.

— Defino a rota para a 99th Street, Capitã?

Alisei a parte da frente da t-shirt com as duas mãos.

— Vamos a isso!

A Sheila é que tinha reparado que o Capitão Picard estava sempre a alisar o uniforme, puxando-o para baixo como se quisesse esconder a barriga. Numa entrevista que o ator deu para a televisão, ouviu-o dizer que era por fazerem os fatos muito curtos.



★
+
★
Despedi-me da minha mãe com um abraço.

— Vemo-nos amanhã a seguir à escola — disse ela, apertando-me com força.

Fiquei com a cara esborrachada contra ela, o que fez com que um ouvido ouvisse normalmente e o outro ouvisse através do corpo dela. Quando nos largámos, vi-a olhar para a irritação que eu tinha no pescoço e que me fazia comichão.

— Tens a pomada?

— Sim!

Detestava que me perguntassem a mesma coisa duas vezes. Mesmo que a pergunta fosse feita por duas pessoas diferentes.

— Não me grites, Bea.

— Não estou a gritar.

E a Sheila disse:

— Vamos, Capitã.

A pomada é para a pele. Tenho eczema, algo de que talvez nunca tenhas ouvido falar. O eczema faz-nos ter comichão em vários sítios e, quando coçamos, ficamos com umas pústulas vermelhas que fazem com que as pessoas tenham medo de que a coisa se pegue. Às vezes, elas *perguntam* mesmo se se pega, o que é melhor do que porem-se aos segredinhos.

O eczema não é uma coisa que passe ao fim de uma semana, como a constipação. É uma coisa que temos até crescermos e deixarmos de ter, como a gaguez da minha prima Angelica. Além disso, dói.

Em casa do meu pai, eu e a Sheila passeámos o *Rocco* e fizemos tostas de queijo para o jantar. Estávamos a começar a ver um episódio de *Star Trek: A Nova Geração*, quando o meu pai chegou a casa.

— Chegaste cedo! — disse-lhe eu.

Ele só costuma vir do restaurante mais tarde.

O meu pai foi direito ao sofá e pôs a mão na minha testa para ver se eu tinha febre. Esperei, e a Sheila também. Já sabíamos o que ele ia fazer.

Quando tirou a mão e a levou à própria testa, parecia chocado.

— Oh, não — disse ele. — Acho que tenho febre!

— Pai!

Descalçou os sapatos com os pés.

— Estava a brincar. Mas não me parece quente. Amanhã é quinta-feira. Estudaram ortografia?

A Sheila acenou que sim.

— Fiz-lhe um teste.

Realmente, tinha-me feito um teste. Eu não tinha acertado em todas as palavras, mesmo à terceira vez, mas ela tinha-me feito um teste.

— Ótimo.

Às vezes, a Sheila ficava a conviver comigo e com o meu pai até o Jesse chegar a casa. Mas, nessa noite, mandou-me um beijo de longe e foi-se embora.

* * *



No 5.º ano, tinha testes de ortografia todas as quintas-feiras. O Prof. Home era um bom professor. A minha mãe dizia que ele tinha a cabeça no sítio. Ela lembra-se de todos os professores que teve a partir do 5.º ano. Lembra-se, em especial, do professor que lhe disse que ela não tinha «cabeça para a matemática». Ela veio a tornar-se professora de matemática. Agora ensina *outros* professores a ensinar matemática.

Mas até o Prof. Home cometia erros. Para começar, chamava sempre «Menino da Faculdade» ao meu melhor amigo, o Angus, coisa que ele detestava. Além disso, dava almoços para os peritos em ortografia. Quem não fosse perito em ortografia não era convidado.

Na última sexta-feira de cada mês, o Prof. Home convidava todos os alunos que tinham tido cem por cento em todos os testes de ortografia desse mês para almoçar na sala de aula, em vez de no refeitório. O Angus disse-me que ouviam rádio, mas eu não sei por experiência, porque nunca tive cem por cento *num único* teste de ortografia. Disse à minha mãe que não tinha «cabeça para a ortografia», mas ela fez um ar enervado e disse que eu nunca devia dizer que não tinha cabeça para alguma coisa.

No início desse ano, a minha mãe comprou cartas de ortografia e ficámos a olhar para elas e a ver o que ditavam as regras, como por exemplo: *Quando duas vogais vão dar um passeio, a primeira é quem fala*. Significa que, quando duas vogais estão juntas, costumamos pronunciar apenas a *primeira*.

Mas, quando escrevi «r-e-l-e-i-f» em vez de «relief»¹ e tive outra vez sete pontos em dez, disse à minha mãe que não ia voltar a olhar para aquelas cartas.

Eu achava que o Prof. Home devia deixar que *todos* ouvissem rádio e almoçassem na sala de aula na última sexta-feira de cada mês. Em setembro, enquanto os outros estavam na festa e eu no refeitório, tinha-lhe escrito uma longa carta a falar sobre isso. Mas não lha dei, porque tinha uma ou outra asneira.

Depois de a Sheila sair, eu e o meu pai ficámos a ver o Star Trek.

Depois, o Angus ligou.

— Já estás melhor?

Ele detestava quando eu não ia à escola. Estávamos na mesma turma desde o jardim de infância e ele nunca tinha faltado à escola um dia que fosse.

— Talvez esteja, sim — disse eu.

— Boa.

Mesmo assim, parecia chateado. Sorri.

— Nós acabámos de ver um Star Trek mesmo bom — disse-lhe. — O Capitão Picard é atingido por um raio de luz de uma sonda misteriosa que o transporta para um planeta pequeno como por magia. Fica lá preso. Não há ninguém da sua nave que o vá buscar e não há forma de ele sair do planeta. Ao fim de algum tempo, tem de aceitar a situação e, por sorte,

¹ Em português, «alívio». Esta regra das vogais não se aplica à nossa língua. [N. T.]

o planeta em que está é muito bom. Toda a gente é simpática e ele tem uma vida ótima. Casa-se, tem filhos e acaba mesmo por envelhecer lá. E aprende a tocar flauta.

— *Flauta?*

— Sim. Mas, no final, descobre que, na realidade, nunca esteve nesse planeta. Aconteceu tudo na cabeça dele. O raio de luz tinha uma espécie de vírus cerebral. As pessoas nesse planeta fizeram a sonda e lançaram-na para o espaço, porque o mundo delas estava prestes a explodir, e queriam que alguém no universo soubesse quem elas tinham sido. Esse planeta já não existia. Mas, na cabeça dele, o Capitão Picard viveu lá metade da sua vida. E teve netos!

— Então ele esteve sempre na nave? — perguntou o Angus. — Deixa-me adivinhar: na cabeça do Capitão Picard passaram-se várias décadas, mas, na vida real, foram só uns dez minutos.

Sim, o Angus é suficientemente inteligente para ir para a faculdade.

— Sim! — disse eu. — Acorda na nave e fica em choque. Quando analisam a sonda que o atingiu com um raio de luz, só encontram uma caixa pequena, com uma flauta lá dentro. No final do episódio, o Capitão Picard aparece sozinho a tocar flauta e a olhar para o Espaço. Com saudades de todas as pessoas que pensou que conhecia.

— Uau, bem... — disse o Angus. — Isso dá-me uma certa vontade de chorar.

— Sim.

Eu chorei *mesmo*. É por estas e por outras que o Angus é o meu melhor amigo.

— Vemo-nos amanhã. — O Angus esperou e depois disse: — Certo?

— Certo.

Ainda estava a pensar em como o cérebro do Capitão Picard tinha tido netos e aprendido a tocar flauta em dez minutos.

A verdade é que aquilo de ver o Angus no dia seguinte era mentira, mas na altura eu ainda não sabia.

Desliguei o telefone e, a seguir, o meu pai cantou os *Parabéns* duas vezes enquanto eu escovava os dentes. Não que eu fizesse anos. Ele é que gosta de fazer isso porque, há muito tempo, o dentista me tinha dito para cantar duas vezes os *Parabéns* sempre que lavasse os dentes, ao que eu lhe tinha respondido que é impossível lavar os dentes e cantar exatamente ao mesmo tempo. O meu pai tinha-se rido muito.

Quando eu já estava na cama, o meu pai sentou-se na minha cadeira roxa e fê-la deslizar até mim.

— Bea — disse ele. — Tenho uma coisa para te dizer. Espero que seja uma boa notícia para ti.

— Está bem — disse eu.

— Eu e o Jesse vamos casar.

— Casar?



— Sim — disse ele a sorrir. — O que achas? Eu queria dizer-te antes de ele chegar a casa, para poderes dizer tudo o que quisesses.

Eu já conhecia o Jesse, o namorado do meu pai, há dois anos, e há uns meses que ele vivia connosco. Eu adorava o Jesse. Mas nunca imaginei o meu pai *casado* com o Jesse. Nem com ninguém além da minha mãe.

Ao fim de um minuto, disse-lhe:

— É bom, acho eu. Não quero que o Jesse alguma vez se vá embora.

O meu pai pegou-me na mão.

— Eu também não, Bea.

Depois de ele me dar as boas-noites, fui buscar o meu caderno de argolas verde. As bordas das páginas estavam todas sujas e enroladas. Ainda andava com ele para todo o lado, mas há muito que não olhava para a minha lista.

COISAS QUE NUNCA VÃO MUDAR:

1. A mãe gosta de ti mais do que tudo, sempre.
2. O pai gosta de ti mais do que tudo, sempre.
3. Os pais gostam um do outro, mas de outra forma.
4. Vais ter sempre uma casa com qualquer um de nós.
5. As nossas casas nunca vão ser longe uma da outra.
6. Ainda somos uma família, mas de outra forma.

No final da lista, acrescentei:

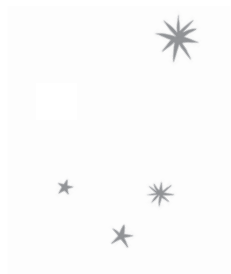
23. O Jesse vai ficar.

Voltei para a cama, sem sono. Ao fim de um minuto, pus-me outra vez de pé num salto, espreitei para o corredor e gritei:

— Pai! Vai haver *casamento*?

E o meu pai respondeu:

— Podes crer que sim!



«O meu pai acredita que eu devo receber uma mesada por fazer as tarefas da casa. A minha mãe acredita em mesadas livres e acha que as coisas da casa são para ser feitas a troco de nada. Mas o meu pai dá-me um dólar a mais do que a minha mãe. Parece confuso? Bem-vindos à minha vida.»

Há dois anos, os pais da Bea divorciaram-se. Mas apesar de estar dividida entre duas casas, os pais são amigos, amam-na e isso é para ela o mais importante.

Agora o pai da Bea anunciou que ele e o seu namorado vão casar. São notícias maravilhosas e ela não podia estar mais entusiasmada, pois vai concretizar o seu sonho e «ganhar» uma irmã da sua idade!

Só que a Bea carrega um (grande!) segredo que ensombra este momento tão especial. Uma decisão impulsiva pode pôr em risco a felicidade dos que a rodeiam... Para tentar evitar isso, a Bea vai precisar de muita coragem, humildade e confiança no amor!

«Um livro belíssimo!»

The New York Times



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Literatura Juvenil

 penguinlivros.pt

  penguinlivros

9+

ISBN 9789895649167



9 789895 649167 >